

**RETÓRICA:
A FUNÇÃO HEURÍSTICA DA LINGUAGEM³⁵**

Afrânio da Silva Garcia (UERJ)
afraniogarcia@gmail.com
danafra@globocom.com

INTRODUÇÃO

O estudo da *Retórica* vem sofrendo inúmeros ataques através dos tempos, desde seu apogeu na Grécia antiga, coincidente com o surgimento da democracia, que exigia uma habilidade de manipulação e convencimento muito grande por parte dos oradores, já que as grandes questões políticas e sociais passaram a ser discutidas e decididas em praça pública, pelo clamor popular.

A importância que a *Retórica* alcançou pode ser bem aquilata-
da pela etimologia, já que a palavra *reitor*, que designa o cargo máxi-
mo dentro de uma universidade, significava originalmente o mestre ou
a pessoa versada em *Retórica*. No seu sentido original, a *Retórica* era
a parte da filosofia voltada diretamente para o *discurso* (em grego,
rhéto), abrangendo todos os seus aspectos, compreendendo os estudos
atualmente abordados pela *Retórica* propriamente dita (como a *Orató-
ria* e a *Eloquência*) e por disciplinas como a *Linguística*, a *Estilística*,
a *Pragmática* e a *Análise do Discurso*.

Durante um vasto período, a *Retórica* foi relegada ao esqueci-
mento, principalmente por parte dos estudiosos da *Linguagem*, que a
consideravam uma disciplina válida apenas para advogados e jornalistas.
Com a revalorização da *Retórica* dentro dos estudos da *Lingua-
gem*, configurando o que se convencionou chamar de *Nova Retórica*, e
com a crescente politização dos estudos linguísticos, o estudo da per-
suasão e de outros fenômenos caracteristicamente retóricos da lingua-
gem ganhou novo alento.

Dentro da *Retórica*, existem vários ramos diretamente ligados à
Linguagem, sendo uma das suas vertentes mais importantes a *Heurís-
tica*, que estudaremos a seguir.

³⁵ Texto resultante do trabalho apresentado no I Simpósio de Estudos Filológicos e Linguísticos, promovido pelo CiFEFIL e realizado na FFP(UERJ), de 3 a 7 de março de 2008.

CONCEITUAÇÃO

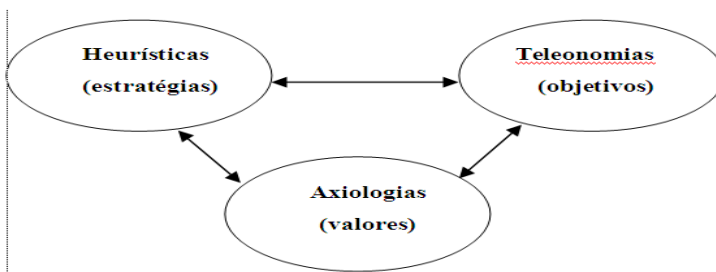
Atualmente, a *heurística* está sendo muito valorizada em quatro áreas distintas, com significados próximos mas bastante diferenciados: na *psicologia cognitiva voltada para a pesquisa de Inteligência Artificial*, na *pesquisa matemática*, na *pesquisa histórica* e na *filosofia* (e, por extensão, nos estudos linguísticos e retóricos).

Na *psicologia cognitiva voltada para a pesquisa de Inteligência Artificial*, onde o termo é muito usado, a *heurística* (ou as *heurísticas*) seria o conjunto de estratégias adotadas por um ser cognitivo (ou cognoscente) para, a partir de *objetivos* e *valores* previamente determinados, chegar a *novas descobertas ou soluções*, como podemos verificar na seguinte definição, numa linguagem que nos soa um tanto hermética, da pesquisadora *Rosana Giaretta Sguerra Miskulin*:

Os aspectos da **atividade cognitiva** privilegiados na perspectiva microgenética de análise, são aqueles que permitem estudar o sujeito cognoscente em suas intenções, valores e heurísticas. A dimensão **teleonômica**, diz respeito aos objetivos, fins, propósitos do sujeito ao agir, enquanto que a **Axiologia**, relaciona-se às avaliações, os valores que o sujeito atribui às suas próprias ações, com vistas à atingir objetivos determinados.

As heurísticas por sua vez são estratégias que o sujeito compõe, norteado pelos seus objetivos, fins determinados e valores, levando em conta o que lhe é significativo, recuperando dessa forma a sua subjetividade no processo de redescoberta e busca em situações conflitantes.

O diagrama a seguir ilustra a interpretação entre as dimensões funcionais do dinamismo microgenético.



Na *pesquisa matemática*, a noção de *heurística* (ou heurísticas) ficou praticamente restrito aos procedimentos objetivando a solução de problemas, como podemos ver na definição de um dicionário da área:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As heurísticas foram consideradas durante muito tempo modelos cognitivos por excelência, elas constituem-se como regras baseadas na experiência e no planejamento substituindo as anteriores baseadas na procura algorítmica que chega às soluções corretas depois de ter combinado o problema com todas as soluções possíveis.

Os métodos heurísticos procuram um grau tão grande quanto possível de uma ação a uma situação. Assim ela engloba estratégias, procedimentos, métodos de aproximação tentativa/erro, sempre na procura da melhor forma de chegar a um determinado fim. Os processos heurísticos exigem muitas vezes menos tempo que os processos algorítmicos, aproximam-se mais da forma como o ser humano raciocina e chega às **resoluções dos problemas**, e garantem soluções eficientes.

Nos anos 60 a aprendizagem era considerada adquirida quando se adicionavam/adaptavam heurísticas e estruturas do conhecimento ao espaço de procura.

Na *pesquisa histórica*, o conceito de *heurística* (ou heurísticas) define o conjunto de métodos e procedimentos que garantem certo grau de certeza no estabelecimento da verdade e dos rumos da pesquisa histórica. Por exemplo, foi a partir de *procedimentos heurísticos* que se chegou ao grau de veracidade atualmente aceita para a *Carta de Caminha*.

Finalmente, na *filosofia*, principalmente na epistemologia, o termo *heurística* define não apenas a *descoberta* de novas concepções e soluções e a *invenção* de novas proposições, como também o próprio processo de *elaboração do pensamento*: sua constituição, sua disposição, seu inter-relacionamento, sua metodologia, seu valor de verdade, etc. É este campo maravilhoso da psique e da cognição humana que abordaremos a seguir.

ALGUNS ELEMENTOS HEURÍSTICOS

Considerando a *heurística* no seu sentido amplo, tanto aristotélico quanto platônico, de ramo da *Filosofia*, ou da *Retórica*, que *estudaria os modos de elaboração e a constituição do pensamento*, podemos citar os seguintes fatores caracteristicamente *heurísticos*:

a) os métodos de *indução* e *dedução*, ou seja, de partir de dados específicos para uma conclusão de caráter geral (indução) ou, inversamente, de partir de generalizações para chegar a conclusões que se aplicam a casos específicos (dedução);

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

b) o *silogismo*, o *entimema* e o *sofisma*, processos de elaboração do pensamento (e do discurso) em que se chega a uma conclusão a partir de duas *premissas* (proposições iniciais) ou de uma *premissa* que pressupõe uma segunda, respectivamente *silogismo* e *entimema*, ou através de premissas *falsas*, quando teremos o *sofisma*;

c) a relação de *prótase* (mais ou menos equivalente a *precedente*) e *apódose* (aproximadamente igual a *conseqüente*), uma relação necessária dentro da elaboração do pensamento, já que praticamente todos os pensamentos ou são a origem de um pensamento subseqüente (*prótase*) ou são a complementação de um pensamento anterior (*apódose*);

d) a estruturação aristotélica do texto (expressão do pensamento) em *introdução*, *desenvolvimento* e *conclusão*;

e) outras estruturações do texto (expressão do pensamento), como *tese* e *antítese*, *análise* e *síntese*, *associação* e *dissociação*, *correlação* e *concatenação*, *generalização* e *especificação*;

f) as relações expressas pela *coordenação* e *subordinação*, que são maneiras de associarmos ou dissociarmos pensamentos (expressos sob a forma de orações, períodos ou parágrafos);

g) os processos de *denotação* e *conotação*, inclusive as inúmeras *figuras de linguagem*, principalmente as semânticas;

h) os métodos de *tentativa-e-erro*, *comutação*, *pesquisa* e *verificação*, *amplificação* e *resumo*;

i) a *avaliação*, bem como a elaboração de *critérios de avaliação*; etc.

A CAPACIDADE HEURÍSTICA

Se são tantos os elementos e processos vinculados à *heurística*, á elaboração do pensamento, é de se supor que uma maior *capacidade heurística* levaria a *pensamentos* mais *elaborados*, *produtivos* e *eficazes*. Sendo assim, seria de interesse da sociedade incentivar o aumento desta capacidade nos indivíduos.

De que maneira isso poderia ser feito? Analisando-se os processos e elementos heurísticos, vemos que eles têm dois pontos em

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

comum: a *experimentação*, ou seja, o fato de experimentar, e *processos linguísticos*. Essa premissa parece-nos acertada, pois verificamos que a maioria das pessoas que classificamos um tanto pejorativamente como *brancos*, ou seja, pessoas que parecem ter *dificuldade* em elaborar um pensamento *coerente* e *produtivo*, têm um *déficit linguístico* e vivem num ambiente que lhes fornece *poucas chances de experimentação*. Como reverter esse quadro? A maneira mais fácil, simples e imediata para atingir esses dois objetivos, *melhorar sua performance linguística e aumentar suas possibilidades de experimentação*, seria o incentivo permanente e contínuo à *leitura*.

A *função heurística*, de elaboração, organização e desenvolvimento dos pensamentos, parece-nos ser a *função primordial da leitura*. A *linguagem falada*, em qualquer de suas variadas formas: conversa, discurso, entrevista, internet, etc., está muito presa ao *imediatismo* dos assuntos (normalmente se conversa sobre coisas mais práticas ou mais emocionantes), à *celeridade* da situação comunicativa (tendo que se ajustar a uma dinâmica e a um tempo determinados) ou à *interferência* dos interlocutores (que interrompem o enunciador, ou acrescentam informações que não são pertinentes ao discurso desenvolvido). Mesmo a *conferência*, mais neutra em relação a esses fatores: o tópico abordado tem um aprofundamento maior, o tempo de fala é mais longo, os interlocutores estão em maior ou menor grau empolgados pelo mesmo tema, sofre pressões que modificam a corrente do pensamento, decorrentes de situações externas ao texto, como acústica, desconforto, apelo emocional, qualidade da platéia, etc. Também no que se refere á experimentação, o texto escrito suplanta o texto falado. Fala-se, conversa-se sobre aquilo que faz parte do nosso dia-a-dia, praticamente repetindo os mesmos tópicos todos os dias, com mínimas variantes, o que não propicia grandes aventuras intelectuais, grandes experimentações.

Já o texto escrito não tem nenhuma dessas limitações em termos de exposição do pensamento. *Pode-se falar indefinidamente sobre qualquer assunto*. Affonso Romano de Sant'Anna, por exemplo, escreveu dois livros extremamente importantes, intitolados, respectivamente, *Desconstruindo Duchamp* e *A cegueira e o saber*. No primeiro, ele faz uma crítica profundamente pertinente aos descaminhos da arte contemporânea, em que praticamente qualquer coisa (fezes de elefante, marcas de formiga, uma pessoa parada, um vaso sanitário,

um simulacro de barraco, um pedaço de metal retorcido) é-nos imposta como arte; no segundo, ele reúne várias crônicas publicadas sobre as relações entre o conhecimento, a percepção da realidade e a ilusão, sobre os processos de velar, revelar e desvelar a verdade por trás das aparências. Ao lermos estes livros, pensamos o quanto eles perderiam se prescindissem da linguagem escrita. O primeiro livro seria inevitavelmente ignorado: seus detratores praticamente impossibilitariam a fala do professor Affonso, sob uma saraivada de impropérios e impropriedades; seus defensores procurariam ver nele apenas aquilo que comprovasse suas próprias idéias, felizes por terem tão ilustre aliado em suas hostes. No caso do segundo, a profusão de exemplos literários apresentados pelo autor para corroborar sua idéia e a perícia com que ele faz evolver sua argumentação, levariam a uma situação de inequívoca distração, já que quando ele mudasse de um estágio da sua explanação para outro, ficaríamos presos ainda, embevecidos, no estágio anterior.

Por outro lado, que viagens, que emoções, que experiências a *leitura* nos proporciona! Podemos participar da resolução de um crime, lutar em uma batalha decisiva, exercitar nossas estratégias de sobrevivência num naufrágio, como no excelente *Robinson Crusoe*, aprender as artes e artimanhas da sedução, como em *Ligações Perigosas*, entre mil outras vivências e experiências, mesmo que vivamos num quatinho exíguo da periferia. Podemos viajar o mundo todo, e até ir a outros mundos, conviver com feras, monstros e robôs, sem pormos em risco a nossa integridade, sem sairmos da nossa poltrona.

Neste sentido, *a leitura é fundamental*. Através dela, somos apresentados e, com a constância, aprendemos a lidar com e a produzir pensamentos elaborados, desobstruídos, pertinentes, interessantes, inovadores – enfim, pela assimilação e exemplificação somos levados a todo um novo campo de elaboração do pensamento. O professor deve propiciar e facilitar essa *função heurística da leitura* apresentando a seus alunos textos bem escritos progressivamente mais longos, sem nunca sucumbir ao *terror estéril e estúpido ao calhamaço* (livro de muitas páginas). Afinal, se um autor tem cabedal suficiente para falar com propriedade, pertinência e maestria por muitas páginas, devemos compartilhar este tesouro de experiências e *precisão lingüística* com os nossos alunos, tornando-os leitores e pensadores mais capazes e profundos.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Ars rhetorica*. Edição crítica. Oxonii e Typographeo Clarendoniano: Oxford University Press, 1989. (Recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. D. ROSS)

———. *Arte retórica e arte poética*. Tradução do francês: A. P. de Carvalho. Introdução e notas: J. Voilquin & J. Capelle. Estudo Introdutório: Goffredo T. Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

———. *Retórica*. Introdução de Manuel A. JÚNIOR. Tradução do grego e notas de M. A. Júnior, P. F. Alberto e A. do N. Pena. Lisboa: INCM, 1998.

———. *Retórica das paixões*. Introdução, notas e tradução do grego: Isis B.. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Edição bilíngüe grego-português.

PERELMAN, C. *Retóricas*. Tradução Maria E. G. PEREIRA. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L.. *Tratado da argumentação*. Tradução de Maria E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLEBE, a. & EMANUELE, P. *Manual de retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PLATÃO. *Górgias*. Coimbra: Edições 70, 2007.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

RORTY, A. O. (ed.). *Essays on Aristotle's Rhetoric*. Berkeley: University of California Press, 1996.

RYAN, E. E. *Aristotle's Theory of Rhetorical Argumentation*. Montreal: Bellarmin, 1984.